

*Discurso por ocasião da sessão
solene de abertura da Reunião de
Cúpula da Comunidade dos Países
de Língua Portuguesa*

LISBOA, PORTUGAL, 17 DE JULHO DE 1996

Quero dizer-lhes, antes de mais nada, que eu trago do Brasil a saudação muito afetuosa e amistosa do povo brasileiro a todos os demais povos que, na África ou na Europa, compartilham conosco o privilégio que é refletir e sentir, falar e escrever em português.

Peço a todos os meus colegas que aqui se encontram para o lançamento da nossa Comunidade de Países de Língua Portuguesa que sejam os portadores dessa mensagem de amizade brasileira aos cidadãos dos seus países.

Digam-lhes que estamos felizes de poder afirmar, pelo gesto político de unir-nos em comunidade, a dimensão internacional inegável que é pertencer a uma cultura própria – a cultura afro-luso-brasileira, presente em todo o mundo, com uma vocação universal que nada tem de arrogância ou soberba, mas que, isso sim, traduz uma maneira cordial de ser que a suavidade da língua que falamos se encarrega de transmitir.

Agradeço ao povo e ao Governo de Portugal pela acolhida tão generosa e amiga que nos estão dando, na melhor tradição do espírito e da hospitalidade portugueses.

A mesma Lisboa que serviu de marco geográfico e político da Era dos Descobrimentos, epopéia portuguesa e momento fundamental da história moderna, é hoje palco de um acontecimento que terá impacto e repercussão em três continentes: a decisão dos sete países de língua portuguesa de assumir, no campo político internacional, o traço marcante de identidade e de comunhão de interesses proporcionadas pela nossa base cultural comum.

O Brasil esteve na origem da idéia de uma Comunidade de Países de Língua Portuguesa, e isso é motivo de orgulho para nós. O Presidente Itamar Franco interpretou o sentimento brasileiro ao dar pleno apoio à iniciativa, e o ex-Embaixador José Aparecido de Oliveira foi incansável no seu lançamento e na sua promoção.

O Brasil continua imbuído de entusiasmo e confiança, quando entende que a Comunidade será uma extensão da sua própria personalidade internacional. Estamos certos de que o mesmo ocorra com todos os demais países que a integram.

Ao constituir a Comunidade, já familiarmente conhecida por sua sigla CPLP, nós estamos dando um passo que há muito se impugna: estamos atualizando, perante nós mesmos e perante toda a comunidade internacional, o passado comum que nos liga indissoluvelmente.

E, ao resgatar esse passado naquilo que ele tem de permanente, na sua força de aproximar e harmonizar a diversidade própria de nações que se orgulham da sua soberania duramente conquistada e consolidada, nós o estamos projetando no futuro – não um futuro distante, mas um futuro imediato, sob a forma de ação política internacional e de cooperação solidária e construtiva entre nós mesmos.

Queremos construir uma Comunidade em sentido pleno, inspirada no valor da igualdade, afastada de articulações hegemônicas, dedicada a um trabalho harmonioso de cooperação – uma Comunidade que, em suas deliberações, honre nosso espírito democrático.

Com sentido de realismo, a Comunidade responderá adequadamente ao impulso, próprio das relações internacionais contemporâneas, de que os países pertençam a coalizões ordenadas ao longo não

mais de clivagens entre Norte e Sul ou Leste e Oeste, mas, sim, de interesses prontamente identificáveis pelo cidadão.

Esse é o sentido da participação brasileira no Mercosul, por exemplo, ou de que Angola e Moçambique sejam parte da SADC, ou de que Portugal pertença à União Européia. Esse é o sentido de que Brasil e Portugal formem parte da Comunidade Ibero-Americana. E esse é o sentido de que os Sete, apoiados nessa comunhão lingüística que nos torna um núcleo particular, estabeleçamos uma comunidade política de países, diferentes, é certo, mas com muitos interesses compartilhados, com um grande potencial de ampliar a nossa voz e de melhorar a qualidade da cooperação que bilateralmente nos oferecemos uns aos outros.

É com esse espírito e com esses compromissos que o Brasil comparece a esta reunião de cúpula que formaliza a CPLP.

Nós saudamos a decisão dos Sete de confiar a um Secretário-Executivo angolano e a um Secretário Adjunto são-tomense a condução da Secretaria-Executiva da CPLP nesta sua etapa de lançamento e consolidação.

Tomei a decisão de colocar à ordem da cooperação técnica brasileira no quadro da CPLP a soma de 4 milhões de dólares. Detalharemos, a seguir, os programas.

Estaremos apresentando alguns projetos concretos de cooperação, que gostaríamos de ver prosperar e frutificar. São projetos realistas, simples, mas de concepção voltada para resultados.

Nossa Comunidade está construída sobre três pilares muito concretos.

O primeiro pilar é o da concertação política para a defesa e promoção de interesses comuns, seja nas instituições internacionais, como as Nações Unidas, seja em torno de questões específicas – os chamados temas globais, ou a promoção da paz e da democracia nas regiões em que temos maior presença. Nesse sentido, o Brasil apóia os esforços em prol da autodeterminação do povo do Timor Leste e do respeito aos direitos humanos naquele território. Por isso, damos o maior respaldo ao processo de diálogo que está sendo conduzido

por Portugal e Indonésia, sob o patrocínio do Secretário-Geral das Nações Unidas.

O segundo pilar é o da cooperação para o desenvolvimento, para que possamos, juntos, os Sete, oferecer-nos esquemas adequados de estímulo ao desenvolvimento econômico e social através do treinamento e formação de recursos humanos e do intercâmbio de experiências em áreas como a administração pública e o desenvolvimento técnico e tecnológico aplicado à produção. A união dos Sete deve ser um instrumento não apenas para criar escala nessa cooperação, mas também para viabilizar esquemas de financiamento e de triangulação, de modo a permitir-nos maximizar recursos de cooperação.

E o terceiro pilar é o da promoção e defesa do idioma português em âmbito universal. Num mundo de cultura global, cada vez mais uniformizada, é necessário afirmar as diferenças lingüísticas, para que o mundo não se empobreça, para que não se estreitem os horizontes da humanidade.

E nossa língua não tem nada a temer nas comparações: não pretende ser superior ou inferior, porque sabemos que o português é uma língua que permite a expressão de todos os sentimentos e todas as formas capazes de alçar o espírito humano às alturas mais elevadas.

O português é a terceira língua mais falada no mundo ocidental. São duzentos milhões de falantes espalhados pelos cinco continentes – portanto, dando à nossa língua uma boa base humana e geográfica para a sua projeção.

É claro que a maior difusão do português depende essencialmente da nossa capacidade de nos desenvolvermos econômica e socialmente, de gerarmos conhecimento e cultura e de nos projetarmos politicamente em nossas regiões e fora delas.

O Brasil tem conseguido algum resultado nesse sentido. Hoje, graças ao Mercosul, o português é um idioma com prestígio crescente nos países vizinhos.

Mas há sem dúvida espaço para uma ação concertada dos Sete, inclusive mediante a consolidação do Instituto Internacional da Língua Portuguesa, uma idéia que nasceu sob a inspiração do então Pre-

sidente Sarney, que só não me acompanha hoje por razões médicas. O Instituto deve estar aparelhado para tornar mais acessíveis e eficientes os métodos de ensino da língua e mais atraente a possibilidade de que os interessados no nosso idioma possam ter um convívio mais intenso com ele e com a cultura que lhe serve de base.

A língua é veículo de cultura que nos dá condições de entender, de uma perspectiva própria e solidamente ancorada no mundo latino, as profundas transformações do mundo contemporâneo, as quais, sabemos, vão muito além da esfera econômica e têm a ver também com novos valores, com novos modos de vida.

Que nossa CPLP seja, em suma, um instrumento na promoção das tarefas que decorrem de cada um dos três pilares que a sustentam e que haverão de mostrar, com o tempo, o acerto da decisão que estamos ratificando hoje.

Muito obrigado.

